

Concepções de natureza a partir do poema “A Folha” de Drummond

Débora Elisa de Souza

Mestranda em Educação Científica e Ambiental, UFLA, Brasil
debora.souza4@estudante.ufla.br

Julia Amorim Monteiro

Mestranda em Educação em Ciências e Matemática, UFPR, Brasil.
Juliaamonteiro9@gmail.com

Antonio Fernandes Nascimento Junior

Professor Doutor, UFLA, Brasil.
toni_nascimento@yahoo.com.br

RESUMO

Este trabalho teve como objetivo analisar o poema “A Folha”, de Carlos Drummond de Andrade, buscando identificar as ideias de natureza presentes que podem ser enunciadas em um ambiente de formação de professores de Biologia. Para isso, recorreremos à Análise do Discurso, tendo como referencial teórico-metodológico o Círculo de Bakhtin. A partir da análise, foi possível perceber que o poema suscita dizeres que perpassam diferentes ideias de natureza historicamente construídas, baseadas nas ideias de Platão, Kant, Hegel e Marx e Engels. Além disso, a análise do poema nos remete a importância de tais discussões para a formação de professores.

PALAVRAS-CHAVE: Ideias de Natureza. Dialética. Poema.

1 INTRODUÇÃO

As ideias de natureza sofreram grandes modificações ao longo da história, e essas modificações expressam o contexto que possibilitou a construção da ciência moderna e contemporânea. O que há por trás das ideias de natureza historicamente construídas, é o que compõe e de onde vem a visão de mundo que sustenta a ciência (NASCIMENTO JUNIOR, 2012). Assim, uma das condições fundamentais para compreender a ciência e seus pressupostos, é mergulhar em uma viagem histórica para conhecer as diferentes ideias de natureza, já que o que edifica a ciência moderna, de acordo com o mesmo autor, é a concepção de natureza que a subjaz.

Se tratando do ensino de Biologia, em que ideias de natureza podem ser percebidas de maneira mais explícita, é interessante buscar o contexto histórico-social da construção desta ciência para que haja a compreensão dos conteúdos que compõem a Biologia de maneira crítica e contextualizada (NASCIMENTO JUNIOR, 2010). Além disso, o Ambiente, palco de estudos da Biologia, também se constituiu frente às Ideias de Natureza, já que a relação que o homem estabelece com o meio, de forma explícita ou não, está relacionado a como este vê a natureza e tudo que dela subjaz (RAMOS, 2010).

Dessa forma, sendo a natureza um conceito que sustentou e sustenta as ciências naturais, este conceito está presente também em outras produções humanas, como nas artes, nas religiões, nas relações sociais, no imaginário, nas concepções de educação, de sociedade e vinculada às propostas de Educação Ambiental (RAMOS, 2010). No que tange a arte, temos nela uma possibilidade de enxergar essas concepções de natureza de uma forma diferente, que encanta e que traz à tona reflexões pertinentes a partir do estético. Bakhtin (1990) sobre isso, escreveu que “os três campos da cultura humana — a ciência, a arte e a vida — só adquirem unidade no indivíduo que os incorpora à sua própria unidade” (p. 33).

Assim sendo, a partir da arte é possível olhar para além da estética que está ali colocada. Se tratando especificamente de poemas, temos aqui uma forma de viajar entre os versos, rimas e estrofes, indo e voltando no tempo e olhando com responsabilidade

[...] o poeta deve compreender que a sua poesia tem culpa pela prosa trivial da vida, e é bom que o homem da vida saiba que a sua falta de exigência e a falta de seriedade das suas questões vitais respondem pela esterilidade da arte. O indivíduo deve tornar-se inteiramente responsável: todos os seus momentos devem não só estar lado a lado na série temporal de sua vida mas também devem penetrar uns nos outros na unidade da culpa e da responsabilidade (BAKHTIN, 1990, p. 33)

Diante do que foi colocado, uma das formas de propor uma discussão crítica e

contextualizada acerca das ideias de natureza, é partir de poemas. No entanto, para que isso aconteça, é fundamental que os professores e professoras, neste caso, de Biologia, sejam formados em uma perspectiva que inclua as ideias de natureza em seu currículo, pois de acordo com Beltrame (2008), o tema natureza é uma discussão que deve estar presente no currículo de qualquer curso de Ciências Biológicas porque permeia a formação do biólogo - e professor.

Portanto, este trabalho tem o objetivo de identificar no poema “A Folha”, de Carlos Drummond de Andrade, as ideias de natureza presentes que podem ser enunciadas em um ambiente de formação de professores de Biologia.

2 METODOLOGIA

Este trabalho se enquadra na chamada metodologia de pesquisa qualitativa. Nesse caso, o pesquisador tem como foco o processo e não simplesmente o produto, tentando compreender os fenômenos estudados a partir de uma perspectiva crítica e contextualizada (ANDRÉ, 2001).

Dessa forma, para a análise do poema, utilizaremos a Análise do discurso, mais especificamente o cotejo de enunciados do Círculo de Bakhtin (BAKHTIN, 2011; VOLÓCHINOV, 2018). Considerando a perspectiva da comunicação, do diálogo, é possível abordarmos a enunciação como um desses meios. Segundo Volóchinov (2013), a enunciação pressupõe realizar a existência não só de um falante, mas também de um ouvinte e, para que ela exista, pressupõe inevitavelmente protagonistas.

Nessa perspectiva, sendo o poema uma produção humana que se constitui por uma linguagem cifrada, ritmada e ligeira que canta a vida e convida quem o lê a desfrutar dela com atenção e sensibilidade, para que, então, possa reconstruir o sentido da vida (RAMALHO, 2014), o poema também é considerado um enunciado. Deconto e Ostermann (2020) apontam a relevância de olhar para a articulação entre arte e educação a partir do referencial teórico do Círculo de Bakhtin.

Bakhtin (1990) traz em sua obra que a forma do poema estabelece relações de sentido quando articulado à história e à cultura, uma vez que esses elementos são indissociáveis. O poema de Carlos Drummond de Andrade se insere em um contexto histórico-cultural e se constitui no e pelos acontecimentos. Dessa forma, é possível identificar uma síntese dialética entre o psíquico e o ideológico, que continuamente se dá na palavra (VOLÓCHINOV, 2018). Este mesmo autor ainda aborda que, “cada ato discursivo, a vivência subjetiva é eliminada no fato objetivo da palavra-enunciado dita; já a palavra dita, por sua vez, é subjetivada no ato de compreensão responsiva, para gerar mais cedo ou mais tarde uma réplica responsiva” (VOLÓCHINOV, 2018, p. 140).

Partindo dessas questões e entendendo que na perspectiva bakhtiniana, todo enunciado responde a algo dito anteriormente e suscita dizeres e compreensões posteriores e orienta-se para uma resposta, sendo um elo na cadeia ininterrupta de discursos e que somente pelo cotejo dessas etapas é que se pode analisar o sentido de um enunciado, procuramos responder à seguinte pergunta: o enunciado do autor suscita quais possíveis dizeres em um ambiente de formação de professores, no que tange às Ideias da Natureza?

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Uma vez inserido na cadeia contínua de enunciados, o poema analisado responde e suscita outros dizeres que estão relacionados com a ideia dos conceitos de natureza ao longo da história. A humanidade é atravessada por uma inquietação que se ocupa por uma inscrição na investigação de si mesma, humana, e do mundo, pensamento este que pode ser compreendido pelo poema de Drummond, ao ilustrar um alguém, de um determinado tempo, em um

determinado espaço que ao observar as folhas, reflete sobre o que está fora e o que está dentro de si, a natureza e a natureza de si.

Daremos seguimento destacando, a partir da obra, os enunciados que possibilitam discussões nos ambientes educacionais, no que tange a ideia de natureza, partindo da importância dessas ideias para a construção de uma relação consciente com o ambiente. A partir da análise, construiremos uma discussão a partir de um pensamento que parte da concepção platônica, salta à Kant que influencia Hegel e então somos lançados num questionamento que nos orienta à dialética de Marx e Engels.

3.1 Uma concepção do real

*A natureza são duas.
Uma, tal qual se sabe a si mesma.
Outra, a que vemos. Mas vemos?
Ou é a ilusão das coisas*

Ao nos depararmos com os questionamentos, algumas discussões são suscitadas.

“Mas vemos? Ou é a ilusão das coisas?”

Podemos nos remeter a Platão que, de acordo com Nietzsche (2007g, p. 75-84), possui uma ligação direta com o socratismo. A filosofia platônica nos apresenta duas esferas, a da realidade e a da ilusão. Para Platão não vivemos no plano da realidade, mas uma dimensão cuja verdade é inalcançável, vivemos apenas as aparências, estas constituem o mundo dos sentidos, “onde tudo é instável e varia conforme as interpretações” (NASCIMENTO JUNIOR, 2010, p. 32). Almejando o ser, busca-se o que constitui a sua essência, e esta está contida nas ideias.

“Uma, tal qual se sabe a si mesma. Outra, a que vemos. Mas vemos?”

O verso citado acima torna possível nos remeter “a coisa em si” de Kant, mas quando Kant barra o acesso direto com a coisa em si, já não se fala mais nos termos platônicos. Essa barreira com a coisa em si, se estabelece já que “para saber sobre ela eu preciso tê-la na minha mente, e quando ela está na minha mente já está inevitavelmente afetada por esta; logo, já não é mais a coisa-em-si, mas uma mistura da coisa-em-si e da minha subjetividade” (KAUFFMANN, 2008, p. 30).

A natureza são duas. Uma, tal qual se sabe a si mesma. Outra, a que vemos. Mas vemos? Ou é a ilusão das coisas?

Partimos de um dualismo e de uma dialética na concepção da natureza, identificamos que uma apresenta a ideia de que se sabe a si mesma, e entramos na ideia de um outro, para então voltar o pensamento a si próprio a partir do outro.

3.2 O desdobramento na dialética de Marx

A inquietação que atravessa a história da humanidade, na busca pela significação de si e do mundo acompanha as transformações das concepções de natureza.

*Quem sou eu para sentir o leque de uma palmeira?
Quem sou, para ser senhor de uma fechada,
sagrada arca de vidas autônomas?*

Estávamos questionando a natureza e agora o eu, questiona a si próprio e sua relação com o mundo. As inquietações surgem enquanto problemáticas, em formas de perguntas e essas nunca cessam. O poeta é “alguém que quer conhecer, um inquiridor perplexo que reflete sobre si mesmo, o mundo e a linguagem” (ARRIGUCCI JR, 2002, p. 48).

O sujeito que sente o leque de uma palmeira é parte da natureza ou está perante ela? Se está perante ela, retornarmos à concepção de natureza percebida no racionalismo cristão bem como na visão mecanicista. No entanto, o caminho percorrido até aqui e a junção da próxima parte do poema nos leva a outra concepção de natureza. Para adentrá-la, precisamos entender que para esta concepção de natureza, tudo é história, em essência tudo é matéria e é desta que surge todas as coisas, inclusive a natureza. É a partir das transformações da matéria, que a consciência é construída. Mas o que seria a consciência da matéria? O homem.

A natureza, por sua vez é um processo monótono, um conjunto de regularidades, como o dia e a noite, as fases da lua, as estações. A matéria, que resultou a natureza, também se transforma até chegar em algo que chamamos de vida. Essas transformações continuam até chegar na condição humana, que é o ser vivo que tem consciência de si mesmo, do outro e do mundo. Nesta concepção tudo se inicia na matéria e tudo o que não é matéria, vem da matéria, include a ideia de Deus, que é uma espécie de abstração máxima, que é produzida pelo homem.

Dando continuidade, os próximos vemos nos aproximam desta concepção supracitada:

*A pretensão de ser homem
e não coisa ou caracol
esfacela-me em frente à folha
que cai, depois de viver
intensa, caladamente,*

A resposta enquanto diferenciação do homem e do animal nos leva novamente ao encontro da dialética, mas não mais a hegeliana e sim a de Marx e Engels

[...] não se parte daquilo que os homens dizem, imaginam ou representam, e tampouco dos homens pensados, imaginados e representados para, a partir daí, chegar aos homens em carne e osso; parte-se dos homens realmente ativos e, a partir do seu processo de vida real, expõe também o desenvolvimento dos reflexos ideológicos e dos ecos desse processo de vida (MARX, 1977, p. 37).

Assim, temos que “(...) quanto mais os homens se afastam dos animais, mais sua influência sobre a natureza adquire um caráter de ação intencional e planejada, cujo fim é alcançar objetivos projetados de antemão” (ENGELS, 1977, p.69-70). Engels (1977) já apontava para a necessidade de compreensão da relação dialética entre o humano e natureza. A pretensão do verso onze do poema nos leva a seguinte ideia

Só que o podem fazer os animais é utilizar a natureza e modifica-la pelo mero fato de sua presença nela. O homem, ao contrário, modifica a natureza e a obriga a servi-lhe, domina-a. E aí está, em última análise, a diferença essencial entre o homem e os demais animais, diferença que mais uma vez, resulta do trabalho (ENGELS, 1977, p.71).

Este trabalho possui um caráter mutável e possui relação com o seu tempo e com o espaço, sendo assim ao se modificar, muda a visão do mundo e até mesmo o próprio mundo (NASCIMENTO JUNIOR, 2000).

Partindo da concepção de natureza apoiada no materialismo dialético de Karl Marx, tem-se a natureza como uma unidade complexa e dinâmica em seu próprio movimento contraditório e, seguindo as ideias de Costa e Loureiro (2015, p. 290), “distanciando de abordagens que a definiam como “substrato”, que resulta em entendimentos dicotômicos (de um lado ser humano, de outro, a natureza)”.

Para finalizarmos, os seguintes versos corroboram nossa construção até a concepção da dialética de Marx e Engels:

*e por ordem do Prefeito
vai sumir na varredura
mas continua em outra folha
alheia a meu privilégio
de ser mais forte que as folhas.*

A concepção presente nesse processo de natureza-homem e homem-natureza, é a de que “não é a consciência que determina a vida, mas a vida que determina a consciência (MARX; ENGELS, 1977, p.37). O trabalho humano “é o responsável pela construção da consciência, das ideias e dos valores humanos (exatamente o oposto dos sistemas kantiano e hegeliano, onde as ideias estabelecem o propósito das coisas naturais)” (NASCIMENTO JUNIOR, 2010, p.167). Ser mais forte que as folhas, nos remete ao pensamento de que “o homem é o momento em que a natureza (enquanto matéria) atinge a consciência sobre si mesma” (NASCIMENTO JUNIOR, 2010, p.170).

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como objetivo identificar no poema “A Folha”, de Carlos Drummond de Andrade, as ideias de natureza presentes que podem ser enunciadas em um ambiente de formação de professores de Biologia. A partir da análise foi possível construir uma articulação que permitiu associar a unidade filosófica da dialética compreendida nas ideias da natureza e sua construção histórica. Foi possível então, suscitar, alicerçando-se no poema e nos referenciais teóricos adotados, enunciados referentes a uma construção histórica das ideias de natureza, perpassando Platão, Kant, Hegel e culminando numa unidade filosófica, central no poema, da dialética de Marx e Engels. Ao estabelecer relações de sentido, entre os enunciados do poema e uma discussão crítica e contextualizada acerca das ideias da natureza, a ciência, a arte e a vida ganham um caráter de compreensão histórico-social de saberes.

Estar a par das diferentes ideias de natureza, é, também, uma forma de entender como o ser humano interage entre si e com a própria natureza. É importante ressaltar que enxergar a natureza de forma dialética, enquanto sujeitos que estão inseridos nela, é muito rico quando pensamos no modelo econômico vigente, que entende a natureza de forma mecânica e a explora desenfreadamente.

Por fim, é importante destacar que a possibilidade de discussão sobre as ideias de natureza a partir do poema é muito rica para ambientes de formação de professores. Isso acontece, pois é a partir do conhecimento e compreensão da mudança das ideias de natureza ao longo da história, que os professores de Biologia conseguirão mediar os conhecimentos acerca desta ciência de forma crítica e contextualizada, contribuindo para a formação de sujeitos que, de fato, compreendam os pressupostos dos conteúdos biológicos.

4 AGRADECIMENTOS

CAPES, FAPEMIG E UFLA

5 REFERÊNCIAS

ANDRÉ, Marli. Pesquisa em educação: buscando rigor e qualidade. Cadernos de pesquisa, n. 113, p. 51-64, 2001.

ARRIGUCCI JUNIOR, Davi. *Coração partido: uma análise da poesia reflexiva de Drummond*. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.

BAKHTIN, Mikhail. **Questões de literatura e de estética: a teoria do romance**. Trad. A.F. Bernadini et al. São Paulo: Hucitec, 1990.

BELTRAME, Rodrigo José Antonio. **A concepção de natureza entre estudantes do Curso de Graduação em Ciências Biológicas da Universidade Federal de Santa Catarina**. 2008. 65f. TCC (graduação) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências Biológicas, Curso de Ciências Biológicas– Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.

COSTA, César Augusto; LOUREIRO, Carlos Frederico. A Natureza como princípio material de libertação: referenciais para a questão ambiental a partir de Enrique Dussel. **Educação Temática Digital**, v. 17, p. 289-307, 2015

DECONTO, Diomar Caríssimo Selli; OSTERMANN, Fernanda. Educação em Ciências e Pensamento Bakhtiniano: Uma Análise de Trabalhos Publicados em Periódicos Nacionais. *Revista Brasileira de Pesquisa em Educação em Ciências*, p. 121-156, 2020.

ENGELS, Friedrich. **A dialética da natureza**. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 1977.

KAUFFMANN, Anna Luiza. Sobre a contemplação reflexiva estética na sessão psicanalítica. **Rev. bras. psicanál.**, São Paulo, v. 42, n. 4, p. 29-39, dez. 2008. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0486-641X2008000400006&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 06 jul. 2021.

MARX, Karl. **A ideologia alemã**. São Paulo, Grijalbo, 1977.

MARX, Karl; ENGEL, Friederich. **Ideologia Alemã (1845-1846)**: São Paulo: Grijalbo, 1977.

NASCIMENTO JUNIOR, Antonio Fernandes. Construção de estatutos de ciência para a biologia numa perspectiva histórico- filosófica: uma abordagem estruturante para seu ensino. **(Tese de Doutorado)**, Faculdade de Ciências – Campus Bauru Pós-Graduação em Educação para a Ciência, 2010.

NASCIMENTO JUNIOR, Antonio Fernandes. Faces da Natureza: Positivistas, Neokantianos e Marxistas. **Revista Assentamentos Humanos**, v.14, n.1. Marília- SP, 2012

NASCIMENTO JUNIOR, Antonio Fernandes. Fragmentos do pensamento dialético na história da construção das ciências da natureza. **Ciência & Educação**, v. 6, n. 2, p. 119-139, 2000.

NIETZSCHE, Friederich. **O Nascimento da Tragédia**. Tradução de J. Guinsburg. São Paulo: Companhia das Letras, 2007g.

RAMALHO, Christina Cielinski. A POESIA É O MUNDO SENDO: O POEMA NA SALA DE AULA. **Revista da Anpoll**, [S. l.], v. 1, n. 36, p. 330–370, 2014. DOI: 10.18309/anp.v1i36.744. Disponível em: <https://revistadaanpoll.emnuvens.com.br/revista/article/view/744>. Acesso em: 6 jul. 2021.

RAMOS, Elisabeth Christmann. O processo de constituição das concepções de natureza. Uma contribuição para o debate na educação ambiental. **Ambiente & Educação**, v. 15, n.1, 2010. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/ambeduc/article/view/905>. Acesso em: 7 jun. 2021.

VOLÓCHINOV, Valentin Nikoláievitch. A construção da enunciação. In: VOLÓCHINOV, Valentín Nikoláievitch (Org.). **A construção da Enunciação e Outros Ensaios**. São Carlos: Pedro e João Editores, 2013, p. 157-188.

_____. **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. 2. ed. Tradução de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2018 [1929].